

O poder das máquinas

As máquinas de campanha eleitoral começam a funcionar efetivamente a partir desta semana, com o início legal da temporada de caça aos eleitores e a expectativa de que a Copa do Mundo tanto pode acabar na terça-feira como depois daí durar no máximo mais uma semana, até a chegada triunfal dos pentacampeões.

Esta é a incerteza da eleição – o que as máquinas políticas são capazes de fazer. Esqueça-se tudo o que as pesquisas eleitorais sugeriram até agora. Elas fizeram uma fotografia do momento, um momento em que as máquinas não estavam funcionando plenamente. Indicaram tendências, é verdade, mas só as máquinas, além das habilidades pessoais dos candidatos, terão condições de agora em diante de entortar ou inverter curvas.

Quando alguém diz que Fernando Henrique ainda não tem garantida a vitória definitiva já no primeiro turno da eleição pode estar demonstrando tanto confiança ou esperança na capacidade ressuscitadora de oposições hoje tão divididas como descaso pelo poder de fogo de sua máquina de campanha.

Nem se use o argumento de que o presidente vai ter para propaganda na televisão e no rádio o dobro de tempo de seus adversários. É uma arma poderosíssima, mas é também uma faca de dois gumes, se o candidato não souber aproveitar bem esse tempo. O nível dos profissionais desse ramo que estão sendo contratados pela organização da campanha da reeleição e o volume de dinheiro que já se começa a gastar demonstram a preocupação de não desperdiçar instrumento tão decisivo na definição do voto. Por este lado, espera-se uma campanha de altíssima qualidade técnica. Como não é só isso que garante vitória, o resto fica por conta da consciência do eleitor. Pelo lado das oposições, a única saída é fazer com que a força das idéias seja superior ao raquitismo de sua tesouraria. O problema é que está mais difícil juntar idéias do que dinheiro.

Saindo dos estúdios e do caixa, o que ninguém consegue dimensionar até agora é o poder de propaganda e mobilização dos chamados aparelhos políticos. É irrelevante discutir, por exemplo, em que palanque Fernando Henrique vai subir nos estados onde tem dois candidatos a governador a apoiá-lo. O importante é que tem dois candidatos pedindo votos para ele.

05 JUL 1998

Os maiores partidos, tanto com posto de governador como com representação no Congresso, nas Assembleias Legislativas e Câmaras Municipais – PFL, PSDB, PPB e a banda mais gorda de votos do PMDB –, estão apoiando o presidente. Embora cada um tenha o seu interesse e brigue por seu espaço político, não se pode subestimar a capacidade de mobilização dessa gigantesca organização. Se estiver azeitada, se mesmo com suas diferenças conseguir uma unidade de mensagem capaz de esticar a confiança obtida em 1994 pela idéia de estabilidade contida no Plano Real, essa máquina é capaz de liquidar a fatura logo no primeiro turno.

O maior desafio de FH lhe foi posto por um eleitor entrevistado numa favela do Rio para o caderno especial do JB sobre os quatro anos do Real, publicado quarta-feira passada. O eleitor estava feliz pela chance de ter comprado nesse período eletrodomésticos que jamais imaginava ter tão rapidamente, pagando prestações fixas e suaves. Mas se queixava de que os alimentos estavam sempre subindo de preço. Pode não ser o que diz a estatística oficial, mas é a sua história real, prática, na boca do caixa do supermercado. No mínimo, esta é a sua sensação. O problema, lamentava o eleitor, é que comida não se pode pagar em prestações fixas e suaves.